

A Pesquisa Qualitativa como Opção Metodológica

*Regina Clare Monteiro**

Em muitos lugares — no Brasil e no exterior — continuam ainda prevalecendo as pesquisas guiadas pelas técnicas ditas convencionais, usadas de acordo com um padrão positivista de observação, no qual, como expressa Thiollent, a preocupação que se manifesta é em torno da quantificação de resultados empíricos, “em detrimento da busca de compreensão e interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas” (Thiollent, 1985, p. 7).

As pesquisas com abordagem qualitativa, denominadas “etnográfica”, “qualitativa”, “fenomenológica”, “de campo”, “observação participativa” ou ainda “pesquisa participante” (Grunwaldt, 1986), iniciaram-se na Antropologia, por servirem melhor aos propósitos dessa área e por, originariamente, a etnografia consistir em uma disciplina da área citada. Atualmente, porém, tal pesquisa está ganhando maior aceitação em inúmeros segmentos sociais. Na Educação, passou a ser mais explorada recentemente, embora Bolster (citado em Grunwaldt, 1986) defenda o fato de que tal pesquisa é a metodologia que possui maior probabilidade de gerar conhecimentos que sejam, ao mesmo tempo, intelectualmente rigorosos e de utilidade para a melhoria do ensino. Este autor acredita que “o requisito fundamental de qualquer investigação, que pretenda estar em consonância com a perspectiva dos professores sobre o ensino, é o de considerar o comportamento humano, como reflexivo” (Grunwaldt, 1986, p. 117). Ou seja, as pessoas sendo vistas tanto como criadores quanto produtos das situações sociais em que vivem.

Vimos em Lüdke e André (1986) que a pesquisa pode ter uma concepção de atividade momentânea, de interesse imediato e continuado (fruto da atividade investigativa dos indivíduos a partir e em continuação do que já foi elaborado e sistematizado anteriormente) bem como uma dimensão social, uma vez que a pesquisa e o pesquisador estão naturalmente implicados numa corrente de vida em sociedade, com seus interesses e ambições, além da procura de um conhecimento científico que, por sua vez, virá impregnado pelos sinais do seu tempo, “compreendido com sua realidade histórica e não pairando acima dela como verdade absoluta” (Lüdke e André, 1986, p. 2).

Enquanto atividade humana e social, porém, a pesquisa traz consigo a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador, e este, como membro de um determinado tempo e de uma determinada sociedade, refletirá em seu trabalho de pesquisa, os valores, os princípios considerados importantes naquela sociedade e naquele tempo. Os pressupostos que orientam seu pensamento serão os mesmos a nortear sua abordagem de pesquisa: “A construção da ciência é um fenômeno social por excelência” (Lüdke e André, 1986, pp. 2-3) e, portanto, não poderia a pesquisa realizar-se além das atividades comuns do ser humano, sofrendo, certamente, as injunções típicas dessas atividades.

* Mestre em Educação pela Faculdade de Educação, Unicamp e aluna do Doutorado em Metodologia do Ensino na Faculdade de Educação Unicamp, Campinas, SP.

Rubem Alves diz que “todo o ato de pesquisa é um ato político” (Alves, 1984), não havendo, portanto, condições de se estabelecer uma separação nítida e asséptica entre o pesquisador e o seu trabalho de pesquisa, nem tampouco quanto aos objetivos almejados.

O comportamento humano, como coloca Grunwaldt (1986), é influenciado de modo complexo, pelo contexto em que ocorre; por isso qualquer projeto de pesquisa que retira os atores do cenário natural pode estar negando a influência destas forças e, conseqüentemente, obscurecendo sua compreensão.

A abordagem qualitativa tem sido também chamada de fenomenológica, sendo causa de interesse e utilização em muitos campos das ciências humanas e sociais. E, uma vez situada entre as ciências humanas e sociais, o estudo sobre os fenômenos educacionais não poderia ficar indiferente às evoluções ocorridas naquelas ciências e, seguindo o mesmo caminho destas, o fenômeno educacional foi estudado, anteriormente, como se pudesse haver uma perfeita separação entre o sujeito da pesquisa, o pesquisador e o seu objeto de estudo. E, portanto, o pesquisador deveria manter-se separado, o mais possível, do objeto de estudo, para assim garantir objetividade, isto é, “os fatos, os dados, se apresentariam tais quais são, em sua realidade evidente” (Grunwaldt, 1986, p. 127).

Quanto a isso, Wilson diz que

“The danger exists even in quantitative systematic observation that the failure to understand the meanings of hitting events may result in miscoding, the under or overestimation of relationships, or the total neglect of powerful concepts and hypotheses related to the researcher’s interests” (Wilson, 1977, p. 246).

Mesmo assim, Thiollent (1985) considera que ambas fazem parte de uma busca de novas alternativas ao padrão de pesquisa convencional.

Essa “ação” proposta por Thiollent não se manifesta isoladamente, mas num conjunto de relações sociais estruturalmente determinadas, pois coloca que “os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos” (Thiollent, 1985, p. 14) e tal ação é então orientada em função da resolução de problemas efetivamente detectados nas coletividades consideradas.

Características da Abordagem Qualitativa

Lüdke e André (1986) dizem que Bogdan e Bicklen, em seu livro *A Pesquisa Qualitativa em Educação*, apresentam cinco características básicas que servem de referencial para discutir a pesquisa qualitativa. São elas:

1. A pesquisa qualitativa tem o seu ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, conseqüentemente, o contato direto e prolongado do pesquisador com a justificativa de que os fenômenos são muito influenciados pelo seu contexto, sendo tratados em seu ambiente natural;

2. Os dados coletados são predominantemente descritivos. Encontram-se descrições de pessoas, situações, acontecimentos, incluindo descrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de documentos. Sendo considerados importantes todos os dados da realidade, o pesquisador deve atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada;

3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. O pesquisador deve verificar como um determinado problema se manifesta

nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas;

4. O “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Deve haver a tentativa de captar a “perspectiva dos participantes”, ou seja, a maneira como estes encaram as questões que estão sendo enfocadas;

5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. Não é preocupação dos pesquisadores buscar evidências que comprovem hipóteses definidas *a priori*. As abstrações se formam ou se consolidam a partir da inspeção de dados, num processo de baixo para cima. Essa não colocação de questões formuladas, antecipadamente, não significa a inexistência de um quadro teórico que oriente a coleta e a análise dos dados. O processo é como um funil: no início, questões ou focos de interesses amplos, que no final se tornam diretos e específicos (Lüdke e André, 1986, p. 11).

Quanto à pesquisa-ação, devido ao seu aspecto específico de intervenção direta no problema estudado, achamos esclarecedor colocar a estratégia metodológica citada por Thiollent (1985, p. 16):

“a) Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; b) Desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;

c) O objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação;

d) O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;

e) Há, durante o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;

f) A pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo):

pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o ‘nível de consciência’ das pessoas e grupos considerados”.

A Abordagem Etnográfica junto aos Fenômenos Educacionais

Como dissemos anteriormente, a etnografia é uma modalidade de pesquisa que tem suas raízes na antropologia, e Spradley (citado em Grunwaldt, 1986) a definiu como “estudo da cultura”, sendo, pois, enquanto técnica, usada quase que exclusivamente por antropólogos e sociólogos. Quando, no início da década de 70, os pesquisadores da área de Educação começaram a utilizá-la, foi feita, nesse transplante, uma série de adaptações. Por isso Lüdke e André (1986) nos alertam: “Denominar de etnográfica uma pesquisa apenas porque utiliza observação participante, nem sempre será apropriado” (p. 13).

Em diversos países já existe uma tradição de pesquisa participativa e pesquisa-ação, mais especificamente em formação de adultos, educação popular, formação sindical etc., porém é mais rara no setor convencional da educação (1º e 2º graus), e Thiollent considera que sua aplicação, neste setor, seja mais difícil, talvez por causa de resistências institucionais e hábitos professorais (Thiollent, 1985).

Entretanto, percebe-se nos últimos tempos uma disponibilidade maior quanto a esta abordagem, e considera-se que isto talvez se deva a uma desilusão para com a metodologia convencional, “cujos resultados, apesar de sua aparente precisão, estão muito afastados dos problemas urgentes da situação atual da educação” (Thiollent, 1985, p. 74).



No Brasil, tal pesquisa ocupa um espaço crescente junto à Educação, até mesmo com apoio institucional. Tem sido vista como metodologia derivada da observação antropológica e “como forma de comprometimento dos pesquisadores com causas populares relevantes” (Thiollent, 1985, p. 74).

Quanto aos Procedimentos

Os pressupostos sobre o comportamento humano estão, segundo Wilson (1977), baseados em dois conjuntos: 1) ecológico-naturalistas e 2) qualitativo-fenomenológicos, sendo que em relação ao primeiro, afirma ser um comportamento humano significativamente influenciado pelo contexto em que se situa. “Many social scientists

believe that human behavior is significantly influenced by the settings in which it occurs.” (Wilson, 1977, p. 247).

Em relação ao segundo, conjunto (b), Wilson diz ser quase impossível entender o comportamento humano sem tentar entender o quadro referencial dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações. “... the social scientist cannot understand human behavior without understanding the framework within which the subjects interpret their thoughts, feelings and actions” (1977, p. 249).

Quanto aos métodos, embora tenha havido algumas tentativas de especificar o processo de coleta e análise de dados, Lüdke e André (1986) nos dizem que não existe um método recomendável como o melhor ou mais eficiente, e essa mesma colocação é percebida nos demais textos. Não há uma tentativa de estabelecer um método-modelo.

Segundo Stubbs e Delamont (citados em Lüdke e André, 1986, p. 15), “a natureza dos problemas é que determina o método, isto é, a escolha do método se faz em função do tipo de problema estudado”.

Grunwaldt (1986) tenta elucidar o aspecto da especificação dos dados, colocando que qualquer investigação ou análise consistiria em tentar responder a uma ou mais das seguintes questões: “Quais são as *características* de um determinado fenômeno social, as formas que assume, as variações que apresenta?; Quais são as *causas* de um fenômeno social específico, as formas que assume, as variações que apresenta”? e, finalmente, “Quais são as *conseqüências* de um certo fenômeno social, as formas que assume, as variações que apresenta”? (Grunwaldt, 1986, p. 127). Propõe, então, que responder a *primeira* questão é fazer uma análise *qualitativa* e, ao responder à *segunda* e *terceira* questões, faz-se uma análise *quantitativa*. A partir disso afirma que o pesquisador qualitativo tem de, como tarefa principal, deli-

near formas, variedades e tipos de fenômenos sociais e documentá-los ordenada e detalhadamente.

Segundo Lüdke e André, o pesquisador desenvolve sua investigação bem como escolhe o local onde se efetuará o estudo e o estabelecimento dos contatos necessários para a entrada em campo.

Num segundo passo (decisão), buscase mais sistematicamente os dados já selecionados pelo pesquisador como mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado.

E, num terceiro momento (descoberta), temos a explicação da realidade, ou seja, uma tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. É esta fase, segundo Lüdke e André (1986), que busca o desenvolvimento de teorias, um processo que vai sendo preparado durante todo o desenrolar do estudo.

De posse desses parâmetros, constata-se que uma das estratégias sempre mencionadas na coleta de dados é a observação. Ora, sabendo que a mente humana é extremamente seletiva e, portanto, duas pessoas podem ter percepções diferentes de um mesmo objeto, influenciados pela história pessoal de cada um, questiona-se: como, então, confiar na observação como método científico?

Lüdke e André nos dizem que, para que se torne instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser, antes de tudo, controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador. Tal preparação nos remete ao primeiro passo da investigação, determinando com antecedência “o que” e o “como” observar. Isso inclui também, segundo Lüdke e André, uma aprendizagem do pesquisador quanto a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender a fazer ano-

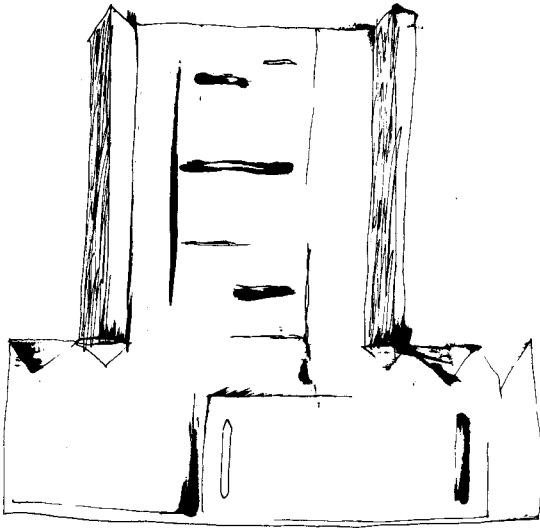
tações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. É o que também afirma Wilson:

“because the qualitative researcher does not use the familiar quantitative methods of standardizing subjects expression or researcher’s observations, those not acquainted with participant observation fear that data will be polluted with the observer’s subjective bias. However well-executed ethnographic research uses a technique of disciplined subjectivity that is a through and intrinsically objective as are other kinds of research” (1977, p. 258).

O fato é que, embora ainda receba muitas críticas, a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens da pesquisa educacional.

Outro método é a entrevista, que também representa um instrumento básico na coleta de dados dentro da pesquisa qualitativa. A entrevista, sendo bem empregada, pode ser de grande utilidade para a pesquisa em educação, pois contém um caráter de interação que a permeia e que permite uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. As que não são totalmente estruturadas são ainda mais eficientes na coleta das informações que detém o entrevistado — as quais são a razão da entrevista — porque este pode discorrer livremente sobre o tema, sem uma ordem rígida de questões.

Para Ferreira (1986), o método da entrevista ainda é o mais importante na pesquisa social, tornando-se seu “caminho áureo”. Cita, então, as três atitudes fundamentais do entrevistador. São elas: *aceitação, compreensão e sinceridade*. Entende, por aceitação, com o respeito pela pessoa e sua expressão durante a entrevista; por compreensão, a necessidade de ver as coisas como o entrevistado as vê, com empatia, com os olhos do outro e, por sinceridade, a necessidade de ser coerente (Ferreira, 1986).



Além disso, Grunwaldt (1986), citando Bohoslawsky, também ressalta a necessidade de o entrevistador tornar-se um observador participante, comprometido com a situação e transmitir tal confiança e empatia que adquira aceitação e disponibilidade dos participantes, possibilitando a expressão dos verdadeiros pensamentos e sentimentos do entrevistado.

É interessante também que o pesquisador fique atento não-somente ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que obtém, durante a entrevista, mas também a toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, toda uma comunicação não-verbal importante para a compreensão e validação do que foi dito.

Há, também, a análise documental como uma técnica valiosa, embora pouco explorada. Por intermédio dela se pode complementar as informações obtidas através de outras técnicas.

Muitos autores aprovam e enfatizam o uso da análise documental na pesquisa. Segundo Caulley (citado em Lüdke e André, 1986, p. 38) “a análise documental busca identificar informações fatuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”.

Também Guba e Lincoln (citado em Lüdke e André, 1986, p. 39) destacaram o fato de que os documentos constituem uma fonte rica e estável: “Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servindo de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos”.

Quanto à análise dos dados

Diferentemente das outras pesquisas, onde os passos metodológicos são rigidamente seguidos na ordem estabelecida, nesse tipo de trabalho eles ocorrem todos ao mesmo tempo, embora, segundo Spradley (citado em Grunwaldt, 1986, p. 130), seja possível identificar todos os passos. “Analisar dados qualitativos significa ‘trabalhar’ todo o material obtido durante a pesquisa” (Lüdke e André, 1986, p. 45).

Após a organização de todo o material e de sua divisão em partes — relacionando-se essas partes —, procura-se identificar nele tendências e padrões relevantes, os quais serão reavaliados, buscando relações e inferências num nível maior de abstração.

Bogdan e Bicklen (citados em Lüdke e André, 1986, p. 46) sugerem que o pesquisador iniciante se utilize de uma série de estratégias, a fim de que não termine a coleta com uma porção de informações difusas e irrelevantes e sugere como procedimentos: 1) a delimitação progressiva do foco de estudo (o processo de coleta semelhante a um funil — fase inicial mais aberta, permitindo uma visão mais ampla e tornando-se aos poucos mais concentrada e produtiva); 2) A formulação das questões analíticas (tais questões possibilitam a articulação entre os pressupostos teóricos do estudo e os dados da realidade); 3) Aprofundamento da revisão da literatura (relacio-

nar as descobertas feitas durante o estudo com o já existente na literatura, auxilia a tomada de decisões mais seguras quanto às direções mais válidas para se concentrar o esforço e as atenções); 4) Testagem de idéias junto ao sujeito; 5) Uso extensivo de comentários, observações e especulações ao longo da coleta (o pesquisador não deve limitar-se a descrições detalhadas do que observa, mas registrar também suas próprias observações, sentimentos e especulações ao longo do processo de coleta. É importante que ele reveja, frequentemente, suas anotações).

Após esses passos, iniciando-se propriamente a análise dos dados, constrói-se um conjunto de categorias descritivas. A primeira classificação parte geralmente do referencial teórico do estudo, porém é preciso “ler e rereer o material até chegar a uma espécie de ‘impregnação’ do seu conteúdo” (Lüdke e André, 1986, p. 46). A apresentação dos dados deve ser colocada de forma clara e coerente, necessitando uma revisão das idéias iniciais, repensando-as, reavaliando-as, e novas idéias poderão então surgir.

É importante que o pesquisador ultrapasse a mera descrição, procurando acrescentar algo ao já existente sobre o assunto estudado, o que pode significar desde um conjunto de proposições bem estruturadas, que forneçam uma nova perspectiva teórica, até o simples levantamento de novas questões que poderão ser exploradas em estudos futuros.

Lüdke e André (1986) sugerem, como última etapa, um novo julgamento das categorias, quanto a sua abrangência e delimitação, e colocam a sugestão de Guba de que:

“quando não há mais documentos para analisar, quando a exploração de novas fontes leva à redundância das informações ou a um acréscimo muito pequeno, em vista do esforço despendido e quando há um sentido de integração na informação já obti-

da, é um bom sinal para concluir o estudo” (Lüdke e André, 1986, p. 44).

Entretanto, são sugestões que não pretendem ser definitivas. Como a análise de dados qualitativos está toda implicada no processo criativo do pesquisador em detectar padrões, temas e categorias e como este não passa por testes estratégicos que lhe digam se tal observação é ou não significativa, Patton sugere que os pesquisadores “devem basear-se na sua própria inteligência, experiência e julgamento” (citado em Lüdke e André, 1986, p. 44).

Quanto à questão da fidedignidade, Lüdke e André ressaltam:

“o que se espera não é que observadores totalmente isentos cheguem às mesmas representações dos mesmos eventos, mas sim que haja alguma concordância, pelo menos temporária, de que essa forma de representação da realidade é aceitável, embora possam existir outras igualmente aceitáveis” (1986, p. 44).

O importante é manter uma atitude flexível e aberta, admitindo que outras interpretações podem ser sugeridas, discutidas e aceitas.

À guisa de conclusão

O trabalho alternativo proposto pela pesquisa com abordagem qualitativa vem preencher uma lacuna, principalmente junto à área de Educação, criada pelas pesquisas com métodos convencionais. Isto porque, embora necessárias, pesquisas que se limitam a uma simples descrição de situações ou uma avaliação de rendimentos escolares têm se revelado insuficientes.

A busca de uma maior interação entre o trabalho teórico e seu respectivo comprometimento com as causas populares e a população em si tem permi-

tido o crescimento da pesquisa participante entre outros segmentos de estudo, que não unicamente a antropologia e a sociologia.

Embora ainda seja um pouco cedo para se ter uma avaliação da amplitude e dos resultados realmente alcançados, muitos pesquisadores têm procurado se aprofundar em suas características e aplicações, confiantes em seus resultados.

Alguns partidários da metodologia convencional vêm, nestas pesquisas, um grande perigo, "o do rebaixamento do nível de exigência acadêmica" (Thiollent, 1985, p. 8), porém, ainda que existam riscos e exageros na concepção e na organização de pesquisas alternativas (abandono do ideal científico, manipulação política etc.), Thiollent reitera que "nosso desafio consiste em mostrar que tais riscos, que também existem em outros tipos de pesquisa, são superáveis mediante um adequado embasamento metodológico" (p. 8).

Com o desenvolvimento dessas exigências metodológicas, as propostas de pesquisa alternativa (participante e ação) poderão vir a desempenhar um importante papel nos estudos e na aprendizagem dos pesquisadores e de todas as pessoas ou grupos implicados em situações problemáticas. "Um dos principais objetivos dessas propostas

(qualitativas) consiste em dar aos pesquisadores e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem..." (Thiollent, 1986, p. 8).

Um aspecto importante a ser reiterado é em relação à diferença fundamental que este tipo de pesquisa apresenta, em oposição à abordagem quantitativa e que se refere ao tratamento das hipóteses. Não há hipótese definida *a priori*, pois as proposições se formam num processo de baixo para cima, a partir da inspeção dos dados, e esse procedimento não implica o distanciamento, ou o não estabelecimento, de um quadro teórico que embase, fundamentalmente e oriente a coleta e análise dos dados.

Nessa abordagem, o pesquisador segue um processo indutivo, não deixando de lado sua condição humana nem sua história de vida no momento da pesquisa.

Acreditamos seja essa abordagem mais autêntica e fiel em relação ao pesquisador, que não necessita despir-se de sua visão de mundo, seus princípios, suas crenças, seus ideais, seu conhecimento prático e teórico, seu juízo de valores, para proceder a uma pesquisa séria e com resultados efetivos.

Referências bibliográficas

- FERREIRA, B.W. "A entrevista como instrumento de pesquisa." *Educação*, ano IX, n° 10, 1986, pp. 107-115.
- GRUNWALDT, I.S. "A pesquisa etnográfica aplicada à educação: uma revisão." *Educação*, ano IX, n° 10, pp. 117-137.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em educação, abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1985.
- WILSON, S. "The use of ethnographic techniques in educational research". *Review of Educational Research*, 47, pp. 245-265, 1977.
-

Bibliografia complementar

Sobre o tema, ver também, entre outros,

- BRANDÃO, C.R. (org.) *Pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
 _____. *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
 DEMO, P. *Pesquisa participante: mito e realidade*. Rio de Janeiro, SENAC, 1984.
 _____. *Avaliação qualitativa*. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.
 DOMINICÉ, P. *A biografia educativa: instrumento de pesquisa para a educação de adultos*. Trad. Arouca, L. S. e outros (mimeo.).
 ERNY, P. *Etnologia da Educação*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981.
 PINEAU, G. *Produire sa Vie: Autoformation et Autobiographie*. Canadá, Ed. Saint-Martin, 1985.
 _____. *Vie des histoires de vie*. Canadá, Université de Montréal, 1980.
 STAKE, R.E. "Pesquisa qualitativa/naturalista: problemas epistemológicos." *Educação e Seleção*, 7:19-27, jan./jun. 1983.
 THIOLENT, M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo, Ed. Polis, 1980.
 WALKER, R. "The conduct of educational case study: ethics, theory and procedures". In: DOCKRELL, W.B. e HAMILTON, D. (orgs.) *Rethinking Educational Research*. London, Hodder and Stoughton, 1980.

Resumo Em muitos lugares — no Brasil e no exterior continuam ainda prevalecendo as pesquisas guiadas pelas técnicas ditas convencionais, usadas de acordo com um padrão positivista de observação. As abordagens qualitativas, atualmente, estão ganhando maior audiência em vários meios sociais. Na educação, elas passaram a ser mais exploradas recentemente. Tais metodologias possuem maior probabilidade de gerar conhecimentos que sejam intelectualmente rigorosos e úteis para a melhoria do ensino. O requisito fundamental de qualquer investigação que pretenda estar em consonância com a perspectiva dos professores sobre o ensino é o de considerar o comportamento humano, ou seja, as pessoas precisam ser vistas tanto como criadoras quanto produtos das situações sociais em que vivem.

Palavras-chaves: metodologia de pesquisa; alternativa metodológica; pesquisa; pesquisa qualitativa; métodos qualitativos.

Abstract In several places — in Brazil and abroad — the research process based on conventional techniques and according to the positivist practice of observation is still prevailing. The qualitative approaches are presently gaining greater audience in several social milieux. In education they began recently to be more used. This research methodology has greater probability to generate knowledge which is at the same time intellectually rigorous and useful to the improvement of teaching. The basic requirement of any research which intends to be consonant with teachers' perspective about teaching needs to take into account the human behavior as reflexive, that is, people should be seen as creators as well as products of the social situations in which they live.

Descriptors: Research methodology; methodological alternative; research; qualitative research; qualitative methods.